

ESPECTRO

#AutismoValorizeCapacidades

Ano XI - Nº 27 - DEZ/JAN/FEV.2025

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Uma IA especialista, que ajuda no dia a dia de autistas, famílias e profissionais

Exemplar de Assinante / Distribuição
VENDA PROIBIDA

ISSN 2596-0539



Courtney Love e autismo, parte 2

CID-11 entra em vigor em 2025

Espectro do rock

Quer ajuda no seu dia a dia? O Genioo faz pra você.

O Genioo é uma ferramenta de Inteligência Artificial que tem a capacidade de melhorar o dia a dia de autistas, familiares e pessoas que se relacionam com autismo, auxiliando você em questões práticas.

Já imaginou ter um assistente para cada assunto abaixo?



Professor Genioo



Doutor Genioo



Enfermeiro Genioo



Nutri Genioo



Psicólogo Genioo

tismoo



SAIBA MAIS
app.tismoo.com.br

Índice

Colunas

MATRAQUINHA 12

TUDO O QUE PODEMOS SER 26

TRABALHO NO ESPECTRO 42

Sessões

O QUE É AUTISMO? 08

O QUE É A REVISTA AUTISMO? 09

HQ - ANDRÉ E A TURMA DA MÔNICA 10

CANAL AUTISMO 48

Reportagem de Capa

INTELIGÊNCIA
ARTIFICIAL 28

Reportagens e artigos

ESPECTRO DO ROCK 14

GÊNERO + TEA 20

NOVA CID-11 32

ESPECIAL COURTNEY LOVE: PARTE 2 36

MÍDIA DESTACA IDA DE MUOTRI AO ESPAÇO 40

EMPATIA NO ESPECTRO AUTISTA 44



Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão
online desta edição
com conteúdo extra.



Editorial

Nesta 27ª edição da Revista Autismo, nossa reportagem de capa traz uma inovação que promete transformar a rotina de pessoas autistas e suas famílias: a inteligência artificial (IA) Genioo. Desenvolvida pela *startup* Tismoo, essa ferramenta é a primeira IA especializada em autismo e neurodesenvolvimento, criada para oferecer suporte personalizado em diversas áreas do cotidiano. Desde atividades educacionais, como exercícios de matemática, até orientações práticas de saúde, nutrição e psicologia, os assistentes Genioo já demonstram seu potencial em tornar o dia a dia mais acessível e eficaz para autistas, suas famílias e profissionais.

Com funcionalidades que priorizam segurança e precisão, como o sistema antialucinação e a base de conhecimento científica robusta, o Genioo não apenas responde às dúvidas mais complexas, mas também propõe soluções práticas adaptadas às necessidades individuais. A plataforma já está disponível gratuitamente, e convidamos você a testá-la em app.tismoo.com.br ou baixando o aplicativo da Tismoo.

Além da inovação tecnológica, esta edição destaca outros temas de grande relevância. Você verá a repercussão na

mídia sobre o convite da Nasa para o Dr. Alysson Muotri ir à Estação Espacial Internacional em 2025 ou 2026, onde realizará pesquisas pioneiras relacionadas ao autismo em ambiente de microgravidade. A neurodiversidade também encontra espaço no universo musical: Tiago Abreu explora o papel dos autistas no rock brasileiro, e Sophia Mendonça continua sua série sobre Courtney Love. Outros destaques incluem a reportagem sobre a CID-11, que entra em vigor em 2025, e o artigo de Fatima de Kwant sobre diversidade de gênero dentro da neurodiversidade, além da HQ do André, da Turma da Mônica, com uma história muito fofa sobre hiperfoco.

Como sempre, nossa missão é informar, conscientizar e ampliar os debates necessários para uma sociedade mais inclusiva. Esperamos que aprecie esta edição e, claro, sua opinião é sempre bem-vinda. Boa leitura!

(Este editorial foi escrito pelo Genioo, como um experimento, após ele ler o editorial das edições 21 a 26, para captar meu estilo de escrita nos editoriais, e também ler todo o conteúdo desta edição 27).

FRANCISCO PAIVA JR.

Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro "Autismo — Não espere, aja logo!" (editora M.Books) e pai do Giovanni, de 17 anos, que tem autismo e sabe tudo sobre super-heróis e zumbis, e da Samanta, de 15 anos, que tem chulé e é exímia desenhista.



NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (Revista Autismo) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para editor@RevistaAutismo.com.br. Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. Revista Autismo, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. Revista Autismo, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie para nós um email (veja nesta página ou no expediente).



[instagram.com/
RevistaAutismo](https://www.instagram.com/RevistaAutismo)



[fb.com/
RevistaAutismo](https://www.facebook.com/RevistaAutismo)



[twitter.com/
RevistaAutismo](https://twitter.com/RevistaAutismo)



[youtube.com/user/
RevistaAutismo](https://www.youtube.com/user/RevistaAutismo)



[linkedin.com/company/
RevistaAutismo](https://www.linkedin.com/company/RevistaAutismo)



[threads.net/
@RevistaAutismo](https://www.threads.net/@RevistaAutismo)

Quem
colabrou
nesta edição



ALYSSON
MUOTRI
neurocientista



FATIMA DE
KWANT
jornalista



MARCELO
VITORIANO
psicólogo



WAGNER
YAMUTO
empreendedor



MARCIA
MACHADO
arquiteta



NICOLAS
BRITO SALES
fotógrafo



TIAGO
ABREU
jornalista



SOPHIA
MENDONÇA
jornalista



THIAGO CABRAL
PEREIRA
psiquiatra

Apoie este projeto:
CanalAutismo.com.br/apoie

Assine e receba em casa
CanalAutismo.com.br/assine

CanalAutismo.com.br/Revista

redacao@RevistaAutismo.com.br

Artistas que ilustraram esta edição



Lucas Ksenhuk

Artista plástico, 21 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

📧 lucasksenhuk.com
📷 @lucasksenhuk.art/



Camila Chair

Formada em animação, cursou biologia, tem 33 anos, é vegetariana e seu hiperfoco são dinossauros e répteis, desde os 10 anos.

📧 deviantart.com/freakyraptor
📷 @camila_alli



Bia Raposo

Artista plástica, arte educadora e provocadora cultural, ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu. Se apaixonou.

📷 @biabiaraposo



Letícia Gomes

Autista diagnosticada na idade adulta, gosta de design e ilustração, além dos seus gatos e família.

📷 @leh.opato



Maurício De Sousa

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Maurício de Sousa.

📧 @institutomauriciodesousa
📷 @turmadamonica



Samyra Oliveira

Estudante, nascida em 2008, desenha desde sempre, mas começou a investir mais na área aos 9 anos. Passa a maior parte do tempo desenhando ou abrindo insetos.



Quer ter uma ilustração publicada na Revista Autismo?

Leia as instruções no rodapé desta página.



Alexandre Beraldo

Designer de formação, músico e grafiteiro por paixão, pai do Caetano e editor de arte dessa revista linda.

📷 @xandberaldo



Daniel Lima

Artista, nasceu em Bragança Paulista, atua como artista visual, ilustrador e agente cultural, além de tocar guitarra na banda Inês é Morta.

📷 @danz_____u



Samanta Paiva

Estudante, irmã de autista, filha do editor da revista, desenha nos tempos livres, cria o tempo todo, tem 15 anos, é fã do filme Black Phone e da série Stranger Things



Fernanda Barbi Brock

Artista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

📷 @fer.barbi.brock

Quer colaborar com a **Revista Autismo?**

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a **Revista Autismo**, envie um email para editor@RevistaAutismo.com.br, se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).

O que é AUTISMO

Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

por **Francisco Paiva Junior**

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.203 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 134 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de

eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando monumentos e prédios icônicos do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher autista).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista — representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito (lemniscata) com o espectro de cores do arco-íris, considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — celebrada originalmente pela organização britânica *Aspies for Freedom* (AFF), a partir de 2005.

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da adolescência. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online deste artigo.

As informações a seguir não dispensam a consulta a um médico especialista para o diagnóstico

Sinais do Autismo



Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse;

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta;

Hipersensibilidade ou hiperreatividade sensorial.

O que é a REVISTA AUTISMO

A **Revista Autismo** é uma publicação gratuita, impressa e digital (acesse pelo QR-Code da página do índice), trimestral, feita por ilustradores, colunistas e jornalistas autistas, além de familiares e especialistas.

É a primeira publicação periódica sobre autismo na América Latina e a primeira do mundo em língua portuguesa nesse tema. Fundada em 2010, a

Revista Autismo segue firme na missão de disseminar informação de qualidade a respeito de autismo e outras condições de saúde relacionadas, com muito profissionalismo, imparcialidade e pluralidade de vozes.

Você pode baixar todas as edições, na íntegra, no nosso site gratuitamente, pode retirar em uma das instituições que distribuem a revista em todos os estados do Brasil, além de poder assinar, pagando somente o custo de envio e recebendo a revista impressa em sua casa, além de poder tornar-se um apoiador digital.

Siga-nos nas redes sociais e acompanhe nossa publicação diária de notícias e artigos no site CanalAutismo.com.br.





INSTITUTO
MAURICIO
DE SOUSA

REVISTA
+ AUTISMO

ANDRÉ em HIPERFOCO

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2024



Quer saber mais sobre autismo?



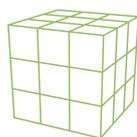
Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Assine a revista impressa:
[CanalAutismo.com.br/assine](https://canalautismo.com.br/assine)

Apoie a versão digital:
[CanalAutismo.com.br/apoie](https://canalautismo.com.br/apoie)



Coluna MATRAQUINHA



A difícil jornada com o **canabidiol**: aprendizados e decisões

O caminho que iniciamos com esperança de melhorar a qualidade de vida do nosso filho Gabriel, ao introduzirmos o canabidiol como parte de seu tratamento, acabou sendo uma jornada repleta de desafios. Infelizmente, os resultados até o momento não foram os esperados e decidimos interromper o uso da medicação, após enfrentar uma série de obstáculos.

A PERDA DO ACOMPANHAMENTO MÉDICO E SEUS IMPACTOS

Nosso primeiro grande desafio surgiu com o médico que acompanhava Gabriel há quase uma década. Ele deixou de atender pelo plano de saúde, o que causou uma verdadeira ruptura no tratamento do Gabriel. Isso provocou um aumento considerável na ansiedade e na irritabilidade de nosso filho, sinais claros de como essa mudança abrupta o afetou. A busca por um novo neuropediatra adequado tornou-se um novo e complexo processo.

Com o início do tratamento com o canabidiol, nossa expectativa era observar uma melhora gradual, mas o que enfrentamos foi justamente o contrário. Gabriel perdeu o sono, sua irritabilidade aumentou drasticamente e, ao longo das semanas, sua ansiedade pareceu intensificar-se. Apesar de termos contato com a empresa importadora, o suporte oferecido foi insuficiente para lidarmos com as dúvidas e problemas que surgiram ao longo do processo.





**Wagner
Yamuto**

é pai do Gabriel (autista) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

 [matraquinhaoficial](#)
 [@matraquinhaoficial](#)
 [matraquinha](#)
 [matraquinha.com.br](#)

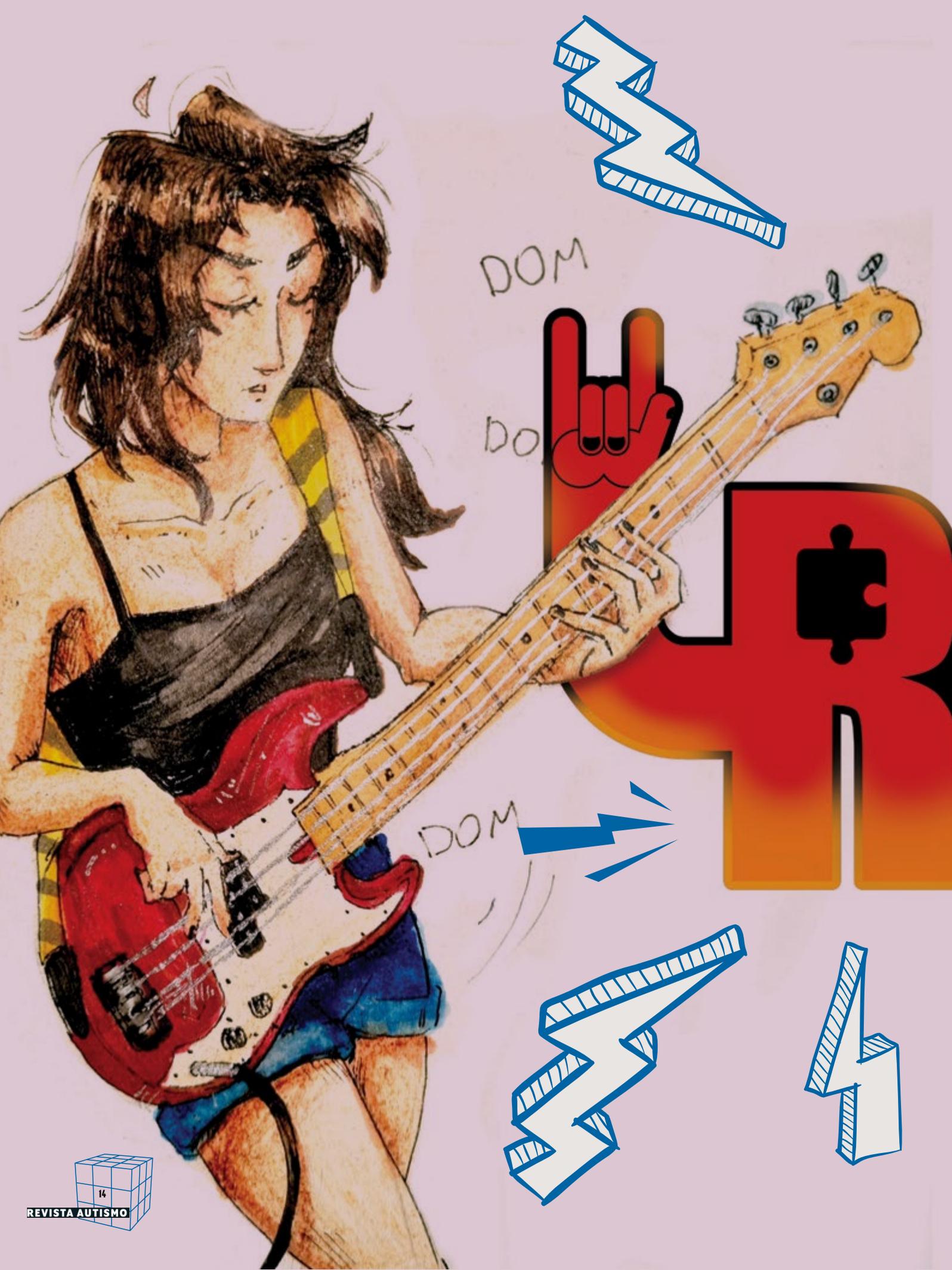
A DIFÍCIL DECISÃO DE INTERROMPER O TRATAMENTO

Diante de tantos fatos complicadores, tomamos a difícil decisão de interromper o uso do canabidiol. Ainda hoje, não conseguimos determinar se houve algum impacto em relação à epilepsia, já que as crises de Gabriel estavam controladas pelas medicações que ele usava antes do canabidiol ser introduzido.

Nossa experiência com o canabidiol acabou não sendo positiva, mas serve como um importante aprendizado. Nem sempre o que funciona para outras crianças autistas será a solução ideal para o nosso filho. Cada caso é único, e a decisão de testar novas terapias deve ser acompanhada de um suporte robusto, tanto médico quanto emocional, algo que infelizmente faltou em nossa jornada.

Decidimos compartilhar nossa história para que outras famílias possam ter uma visão mais clara dos desafios que envolvem a introdução de terapias alternativas como o canabidiol. Ainda estamos à procura de respostas e soluções que tragam mais bem-estar ao Gabriel, mas seguimos com a confiança de que cada passo, mesmo os que não trazem o resultado esperado, faz parte do nosso aprendizado como pais.

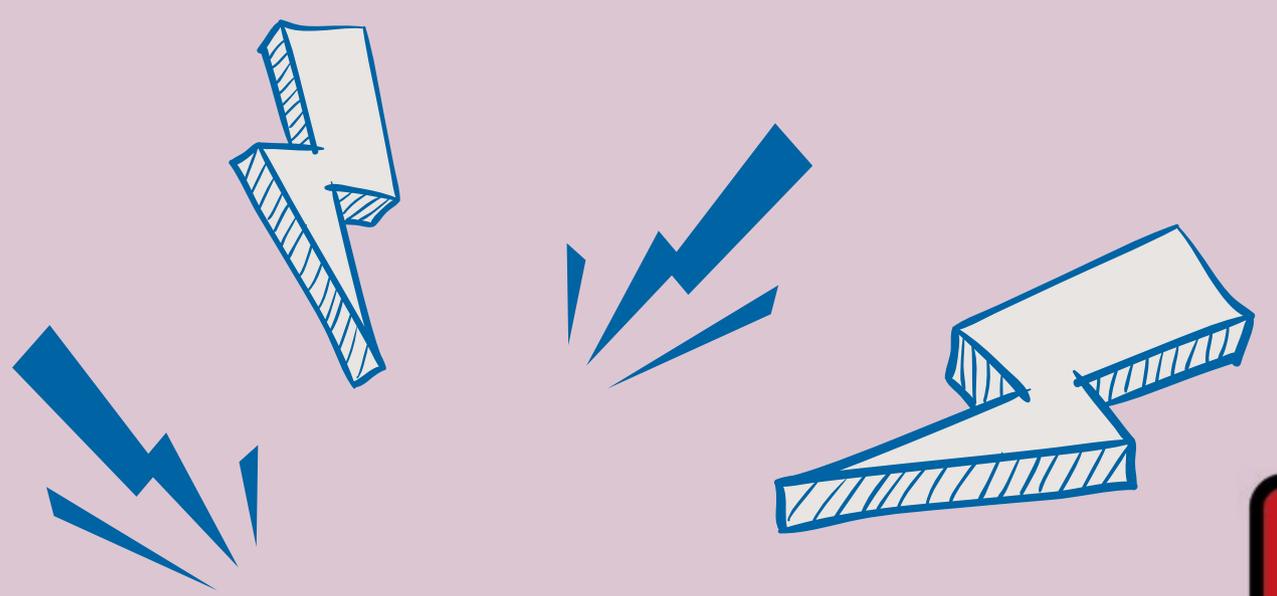




DOM

DO

DOM



ESPECTRO DO

ROCK



Texto por **Tiago Abreu**

Ilustração: **Samyra Oliveira**

Artistas e bandas de autistas usam vertentes do rock e de outros gêneros para cantar músicas autorais e covers

Uma das expressões musicais mais relevantes do século 20, o rock foi palco de mudanças estéticas e comportamentais na sociedade em nível global. Apesar de não estar entre os gêneros de maior popularidade nos aplicativos de *streaming*, rádios e no gosto geral da população brasileira atualmente, a rebeldia e as possibilidades de experimentação do rock permeiam a criação e obra de vários artistas... inclusive autistas.

O autismo, por outro lado e com toda a atenção que tem recebido nas últimas décadas, tem mobilizado uma série de artistas, da música clássica ao funk. Entre eles, cantores e bandas formadas por pessoas autistas têm utilizado suas vivências no espectro para embalar canções distorcidas nas seis cordas.

CRIAÇÃO E EXPRESSÃO

A cantora e compositora Livon, hoje residente em São José do Rio Preto (SP), é fã dos Mutantes e da fase clássica do Pink Floyd. Seu trabalho traz fortes influências do rock psicodélico dos anos 1960 e composições autorais como “Psicolouca” e “O Mau Uso da Máscara”.

Apesar de cantar desde os 4 anos, a carreira só começou a engrenar quando foi convidada a ser vocalista de uma banda na universidade. Mas, nem tudo foram flores: sua trajetória foi atravessada por crises existenciais, depressão e a mudança de cidade e de cursos. Primeiro, veio a Física, depois a Economia. Além disso, também crises sensoriais e sobrecarga por conta de shows. A descoberta do autismo veio durante a pandemia, depois do diagnóstico também de seu filho mais novo, Raul.

“Eu nunca imaginei que pudesse estar no espectro do autismo, mas durante a pandemia minhas crises sumiram, e percebi que algo no ambiente sensorial estava me afetando. Isso confirmou o que meu marido já suspeitava. Ele achava que eu não era muito diferente do meu filho”, contou em entrevista à **Revista Autismo**.

Doutora em Física, a capixaba Ilus também teve o diagnóstico fechado durante a pandemia, mas a procura se deu antes disso. A cantora já tinha uma carreira marcada pela experimentação, com letras

ROCK

engajadas por ideais feministas, fusão de gêneros como o funk e o canto lírico. Sua primeira canção de destaque, “Revolucionou”, circulou em presídios femininos no Espírito Santo. Mas, dificuldades administrativas de gestão de sua carreira — o famoso “vender o próprio peixe” — indicavam que tinha alguma coisa ali, até que ela conheceu Mayck Hartwig, com quem mais tarde co-fundou o projeto Adultos no Espectro.

“Eu achava que podia ser timidez. E aí, quando a gente começa a pesquisar, começa a ficar mais atento, começa a falar com uma pessoa, com outra, e rapidamente veio a ideia do autismo. No SUS, tive muita dificuldade. E na pandemia, fiquei sem dinheiro, sem trabalho. Aí eu conheci o Mayck. Ele me direcionou para os profissionais certos”, disse a artista.

Tanto Ilus quanto Livon são compositoras. O autismo é tema de grande parte da obra das artistas, principalmente seus lançamentos mais recentes. Ilus lançou, em 2023, o álbum *Natureza Líquida*, com repertório marcado pela sonoridade acústica e canções como “Anjo Decaído”, “Verdades Mortais” e “Quebra-Cabeças”. Já Livon lançará um EP chamado “Atípica”, em 2025, todo baseado na sua experiência enquanto autista.



O autismo é tema de grande parte da obra das artistas, principalmente seus lançamentos mais recentes



N

A CENA

Em 2017, a primeira banda de autistas a ganhar certa popularidade no país surgiu em Brasília (DF). A Timeout Rock Band, criada a partir de um projeto de socialização e intervenções para autistas, chegou a aparecer em um mini-documentário na Netflix, lançou música autoral e, em 2024, apareceu no programa Caldeirão com Mion, exibido na Rede Globo, e segue fazendo shows sempre que possível.

A formação atual é composta por Ivan Madeira (vocal), João Gabriel (vocal), Henrique Barnes (bateria), João Vítor (bateria), Nina Pinheiro (teclado e vocais) e Thiago Carneiro (guitarra). Nina disse que a canção "Hey You! I Need a Timeout", a única já lançada pelo grupo, é a sua favorita. "Entre [na Timeout] no final do ano passado. Eu conheci a banda entrando no Vivências, que é um espaço neurodiverso para adolescentes e adultos", contou.

Já em Goiânia (GO), o baixista Caio Henrique fundou, em 2022, o grupo Os Lanternas, após sugerir a criação de uma banda de autistas na associação da qual faz parte, o Núcleo de Arte e Inclusão do Autista (Naia). Ele aprendeu o instrumento para tocar no grupo. "Eu sabia que precisavam de um baixista. E como tinha vários instrumentistas naquela época, baterista, guitarrista, tecladista, então eu assumi o baixo", disse. Além de Caio, o grupo é formado por Marcos Filho (bateria e vocal), José da Mata (guitarra), Marx Osório (guitarra e vocal), Samuel Paim (teclado), além de um time de vocalistas: Alexandre Augusto, Gustavo Cabral, Murilo Leal, Nilo Valle e William Ferreira.

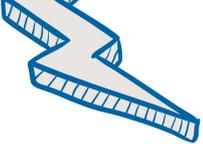
Os Lanternas tocam sucessos do rock nacional e internacional, ensaiam toda semana no Naia e recebem o apoio técnico e liderança da musicoterapeuta Renata Lima. A banda já tocou em escolas, universidades, teatros, praças, casas de show como o Bolshoi Pub, mas também em locais inusitados, como quadras de beach tennis, concessionárias e até no Estádio Onésio Brasileiro Alvarenga, na capital goiana, durante o campeonato da Série B.

Doutorando em Farmácia, Marx Osório recebeu o diagnóstico de autismo em 2023 e disse que o calor foi um desafio na experiência de tocar no estádio. "Foi num sol de 3 horas, 4 horas da tarde. Mas foi legal, a experiência foi muito boa, porque a torcida realmente

Ilus, cantora e compositora.



Foto: Melina Furlan



curte bastante rock clássico, brasileiro e internacional. Curiosamente foi um dos lugares onde a receptividade do público foi a melhor de todas”, afirmou.

Os shows profissionais de Livon, inicialmente, também só continham covers. Durante a pandemia, com a descoberta do autismo, ela passou a ter mais coragem de expor suas próprias letras. O pontapé foi um festival de música autoral. Depois vieram os prêmios e gravação de singles. O seu futuro EP foi garantido com recursos da Lei Paulo Gustavo.

Ilus também fez vários trabalhos em shows e concertos como cantora lírica, e sua atividade como professora de canto a ajudava a demonstrar seu conhecimento em música. Recentemente, a artista liberou uma roupagem pesada e distorcida de “Anjo Decaído”, com direito até a videoclipe. Mas a dificuldade no circuito de shows era a socialização. “O meio musical é um meio muito difícil, é difícil para qualquer pessoa. Imagina uma pessoa autista que não tem essa leitura [social] tão apurada”, argumentou.

O AUTISMO E A ARTE

Da experiência coletiva de bandas até à criação individual compartilhada em gravações de estúdio, são muitas as etapas de produção musical e de relacionamento. Questionado se o autismo faz diferença em tantas formas de fazer música, Marx acredita que sim. “Eu sinto que a música é a arte que mais expressa o que a gente é de fato. É a única arte capaz de ativar todos os sentidos do cérebro ao mesmo tempo”, defendeu.

Livon, por sua vez, pensa que existem várias formas de criar e se expressar pela música e que o artista inquieto, que aborda o mundo

Livon, cantora e compositora.

Foto: Luís Aureo



Os Lanternas, banda formada em 2022.

Foto: Fernanda Marques



Fotos: Tiago Abreu



Caio Henrique, baixista

Marx Osório, cantor e guitarrista



a partir de sua ótica pessoal, pode ser impactado pelo autismo. “A arte veio na minha vida como um melhor amigo. A gente está no espectro e tem vivências particulares. Por isso não tem como isso não se materializar nas nossas composições”, afirmou.

Já Ilus argumentou que só poderia avariar as diferenças entre autistas e não-autistas se pudesse ter as duas vivências. Ser autista, para ela, é uma experiência completa. “Fui percebendo que eu conseguia me comunicar melhor com as pessoas através da música do que sem ela. Quando eu comecei a cantar, percebi que tinha sintonia pela primeira vez em toda a minha vida. Todas as minhas intenções chegavam nas pessoas. Sempre usei a música como forma de comunicação”, contou.

Assim, a experiência autista cobre tanto as escolhas de Ilus em relação aos timbres e frequências na produção de seu primeiro



Tiago Abreu

Jornalista, mestre e doutorando em comunicação e autor do livro “O que é neurodiversidade?”.

Instagram: @otiagoabreu_

álbum, quanto as letras de reconciliação pessoal criadas por Livon. Para Caio, tocar é uma forma de cumprir um sonho. “O importante é trabalhar as nossas dificuldades. E ao mesmo tempo que a gente é bom com isso, a gente pode ir longe”, destacou.

Em relação aos Lanternas, segundo Marx, há a possibilidade de ter um repertório autoral no futuro. “Eu não componho, mas eu acredito que possa ter [um repertório autoral]. Eu sou muito mais executor musical do que compositor. Mas tem muitos colegas lá que são compositores. No começo, muita gente não acreditava. E o Naia sempre acreditou no nosso potencial”, disse. 🇧🇷

Quer aumentar as suas vendas?

Crie sua loja virtual na **Azul Commerce**.

Azul Commerce é uma plataforma de vendas segura e intuitiva, com a menor taxa de comissão do mercado.



Grátis por 6 meses

Meio ano para você experimentar nossa plataforma sem pagar taxas.



Máxima segurança

Infraestrutura robusta que garante a segurança das transações e dados.



Entrega pela Azul Cargo

A maior capilaridade do Brasil, chegando onde as outras não chegam.



Saiba mais e faça parte da plataforma de e-commerce da Azul Cargo



Azul cargo
Express



GÊNERO + TEA

*A DIVERSIDADE DE
GÊNERO DENTRO DA
NEURODIVERSIDADE*

por **Fatima de Kwant**

Ilustração: **Leticia Gomes**



Depressão, ansiedade, automutilação e isolamento social são alguns dos problemas de saúde mental que pessoas com transtorno do espectro do autismo (TEA) e com transtorno de déficit da atenção com hiperatividade (TDAH) podem encontrar, assim como as pessoas que não se identificam heterossexuais, aquelas com diversidade de gênero.

A associação com a neurodivergência levanta a questão da inclusão no ambiente clínico internacional de especialistas em autismo e TDAH, onde médicos revelam a necessidade de apoio nos seus atendimentos a esses indivíduos. Desde a necessidade de cultivar o hábito de perguntar com qual pronome o paciente deseja ser tratado, formulários que incluam mais de duas opções de gênero, até a postura não invasiva e antidiscriminatória, clínicos, em geral, precisam ter conhecimento e receberem capacitação para lidar com um público que, gradualmente, tem a coragem de assumir sua diversidade de gênero e esperar inclusão também nesta opção.

A jornalista, escritora e doutoranda em literatura, Sophia Mendonça é uma mulher trans e autista de 27 anos, que divide suas impressões sobre os dois temas nas suas redes sociais. Baseada na própria experiência, revela que seu maior apoio foi o da mãe, a também jornalista e parceira na plataforma Mundo Autista, Selma Sueli Mendonça. Juntas, são autoras de diversos escritos — livros e artigos — sobre identidade de gênero e autismo, assim como de outros muitos temas na área da cultura e artes em geral. “Naquela época a internet não era como hoje e havia pouca informação sobre o assunto. Minha mãe me orientou a buscar ajuda dos profissionais médicos e psicólogos que nos acompanhavam, no entanto, só encontramos preconceito”, diz Sophia.

Segundo uma recente matéria na revista ADDitude¹, é essencial que médicos identifiquem a raiz de um



problema de ordem emocional e comportamental para que não corram o risco de ignorar um segundo diagnóstico, ou seja, que as dificuldades de pessoas transgênero, não binárias e demais, sejam devidamente atribuídas às possíveis comorbidades que possam, não imediatamente conferidas, em razão da diversidade de gênero.

Em várias partes do mundo, pesquisadores estão começando a descobrir o que muitos clínicos e pacientes observam na prática: que a diversidade de gênero é mais frequente em indivíduos dentro do TEA e do TDAH. Apesar disso, são bem poucos os estudos nessa área.

De acordo com um artigo publicado no Nature Communication Journal², em 2020, alguns estudos relativos à sobreposição de diversidade de gênero, TEA e TDAH ainda não são tão claros, apesar de todos terem identificado a correlação. Nesse artigo, 681.860 indivíduos forneceram informações sobre gênero, diagnósticos de transtornos do neurodesenvolvimento e psiquiátricos, incluindo autismo e traços de autismo. Na avaliação, comparados com cisgêneros, os transgêneros e gênero-diversos têm, em média, maior incidência de



diagnósticos de autismo, transtornos do neurodesenvolvimento e transtornos psiquiátricos. Além disso, tanto os autistas quanto os não autistas transgêneros (TG) e gênero-diversos (GD) reportaram maior presença de traços de autismo, sensibilidade sensorial e sistematização, ao mesmo tempo em que apontaram (os próprios participantes) possuir mais baixo nível de empatia.

As informações no mencionado artigo foram recolhidas de cinco estudos independentes através de um conjunto de dados. A

“4% a 5,4% de crianças autistas poderiam, potencialmente, ser transgênero ou gênero-diversas comparado a 0,7% de crianças sem autismo.”

análise do questionário concluiu a necessidade de melhoria no acesso à saúde mental e assistência adequada e individual a pessoas TG e GD. Apesar de os dados datarem de 2020, até o presente momento são poucos os estudos de grande escala sobre a correlação entre neurodiversidade e disforia de gênero.

ADOLESCENTES GÊNERO-DIVERSOS

Um dos mais recentes estudos foi publicado na revista da American Academy of Pediatrics³, em 2023, e incluiu 919.898 jovens entre 9 e 18 anos, para identificar a coexistência do autismo e da diversidade de gênero. Dos quase 1 milhão de adolescentes, a GD estava presente naqueles com diagnóstico TEA (1,1% versus 0,6%). Interessante fato é que, nessa porcentagem de GD e TEA coexistentes, o sexo de nascimento era o feminino e os indivíduos possuíam seguro de saúde particular. Ao contrário, há menor prevalência entre jovens negros e asiáticos. No Brasil supõe-se que os dados não sejam muito diferentes, o que ratifica a importância da construção de políticas públicas e de serviços que reduzam a disparidade no acesso à saúde mental e

emocional de jovens com GD e TEA, e suas famílias, em todos os tipos de situações.

“Profissionais devem entender de interseccionalidades, buscar compreender a incongruência de gênero como diagnóstico, compreender a diferença entre gênero e sexualidade e abandonar rótulos capacitistas ou transfóbicos. Seria um começo da humanização do indivíduo, sabendo que suas características singulares são vistas e seus sentimentos validados, ao invés de encaixá-las em formas pré-concebidas”, afirma Sophia Mendonça.

O PAPEL DA REDE SOCIAL

Apesar de haver desinformação nas redes sociais, existem, igualmente, várias *networks* de identificação para indivíduos que se sentem bem fora do padrão, como é o caso de pessoas neurodivergentes e pessoas com identidades de gênero divergentes do sexo atribuído no momento de seu nascimento.

Através de páginas específicas, canais de Youtube e grupos de chat, essas pessoas falam livremente sobre suas condições, o que as conecta e lhes traz a sensação de pertencimento, uma conexão

Terminologia

Capacitismo:

Referente à discriminação e preconceito social contra pessoas com deficiência.

Cisgênero:

Indivíduo que se identifica com o sexo atribuído no momento do nascimento.

Diversidade de Gênero ou Gênero Diverso (GD):

Refere-se a indivíduos cujo gênero não corresponde ao sexo que lhes foi atribuído no momento do nascimento.

LGBTQIAPN+

Referente à comunidade lésbica, gay, bissexual, transsexual, queer, intersexual, assexual, pansexual e não-binário. O “+” representa outras identidades e orientações sexuais não mencionadas na sigla e os gêneros fluidos, reconhecendo a vasta diversidade que existe.

Mulher trans ou homem trans:

Refere-se ao gênero com o qual a pessoa se identifica, diferente do recebido no momento do nascimento.

Transfobia

Repulsa ou preconceito em relação aos transexuais ou às pessoas transgênero.

positiva para o autoconhecimento desses indivíduos. Muitas, inicialmente em grupos LGBTQ+, acabam se reconhecendo nos traços de TEA e/ou TDAH e descobrindo um mundo totalmente novo, onde se sentem compreendidas e validadas. Diariamente, estas pessoas se encontram *online* para receber o suporte que não têm no seu convívio diário, fora da internet. Sem dúvida, um sinal de que o sistema de saúde mental ainda não supre a demanda de uma comunidade desprovida de acompanhamento e assistência.

As palavras de Sophia são dirigidas àqueles que, neste momento, lidam com o duplo desafio de serem pessoas gênero-diversas e, também, autistas: “Aos adolescentes e outros jovens adultos passando pela mesma situação que eu passei, digo para não desistirem do direito de serem quem são. Busquem o diálogo com as pessoas, tentem primeiro entender o que sentem para depois comunicar a estes indivíduos com uma clareza que elas compreendam. E banquem essa posição, se vocês têm certeza dela!”. Palavras que ecoam nos corações de quem realmente aguarda uma sociedade que respeite todos os tipos de mentes e de identidades sexuais. A humanidade onde todas as vidas importam e recebem o suporte que necessitam para viverem bem. 🌈

Referências

- 1 SAVORITO, K. ADHD, Autism and neurodivergence are coming into focus. *ADDitude*, Set. 2024. <https://www.additudemag.com/understanding-neurodiversity-adhd-and-autism-overlap/>.
- 2 WARRIER, V. et al. Elevated rates of autism, other neurodevelopmental and psychiatric diagnoses, and autistic traits in transgender and gender-diverse individuals. *Nat Commun*, vol. 11, n. 3959, Ago. 2020. <https://doi.org/10.1038/s41467-020-17794-1>.
- 3 KAHN, N.F. Co-occurring Autism Spectrum Disorder and Gender Dysphoria in Adolescents. *Pediatrics*, vol. 152 (2), Jul. 2023. <https://doi.org/10.1542/peds.2023-061363>



é especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radicada na Holanda desde 1985. É mãe

de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA e ativista internacional pela causa do autismo.

Fatima de Kwant

✉ autimates@gmail.com
🌐 www.autimates.com

📘 Autimates
📷 @fatimadekwant



MATRAQUINHA

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA



PARA RECORTAR



BORRACHA



CANETA



GIZ DE CERA



LÁPIS



TESOURA



ESQUADRO



ESCOLA

ESCANEE E GANHE

GRÁTIS

PDF para imprimir

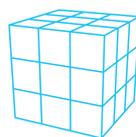


Disponível





Coluna TUDO O QUE PODEMOS SER



Vou estudar ABA

Acredite se quiser, mas esse ano eu decidi começar a estudar análise do comportamento (ABA, para os íntimos da área). E porque eu comecei a fazer isso? Bom, já faz alguns anos que eu estou trabalhando como assistente terapêutico no Grupo Gradual, em São Paulo, mas eu ainda sinto que falta um pouco de profissionalismo de minha parte. E sendo bem sincero, eu nunca pensei que eu fosse me interessar mais por essa área, por mais que seja extremamente difícil de se estudar uma coisa dessas.

Apesar de toda essa complexidade que é o universo da análise do comportamento, eu sou muito grato por esse universo, pois se não fosse por ele e os estudos da minha mãe, eu não estaria onde eu estou atualmente, me comunicando com as pessoas, falando em público, fazendo trabalho com artes e, acima de tudo, fazendo amizades no trabalho. E tudo isso eu sou e tenho por vontade própria. Minha mãe sempre me respeitou e só me ensinou coisas que fossem me ajudar na minha vida, na minha independência e no meu crescimento como ser humano. Tudo o que eu aprendi, fui eu que pedi pra minha mãe, no meu tempo.

No meu nível de suporte atual, eu sinto que estou cada vez melhor, mas também ainda sinto que falta mais para eu conseguir me tornar 100% independente, pois por mais que eu consiga sair sozinho (para algumas coisas, e lugares específicos), me virar com alimentação (ainda sei pouco para



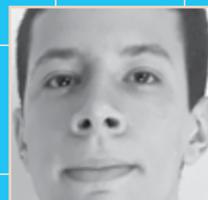


poder morar sozinho e me alimentar bem, de forma saudável e diversa), eu ainda não sou capaz de entender coisas mais complexas da sociedade, como marcar uma consulta no médico, pagar a conta de água e de luz, ir ao banco, negociar aluguel da casa etc. Pois é, mas tudo tem seu tempo e eu não tenho a menor pressa. Claro que tenho consciência que pais não são eternos e que não terei meus pais aqui pra sempre. O que importa mesmo é que eu sou eternamente grato aos meus pais e à ABA por terem me ajudado a me tornar quem eu sou hoje em dia. E eu pretendo com certeza ir com tudo nos meus estudos para poder ter futuras oportunidades, principalmente ajudar outros autistas a alcançarem o melhor deles.

Nícolas Brito Sales

 @nicolasbritosalesoficial
 tudooqueeupossoser@gmail.com

tem 25 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo,



profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”, no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



*A inteligência artificial
Genioo tem assistentes
para ajudar em tarefas
do dia a dia de
autistas e suas famílias*





por **Francisco Paiva Jr.**,
editor-chefe da Revista Autismo
Ilustração **Samanta Paiva**

Carlinhos tem 12 anos, é autista nível 1 de suporte, está no sétimo ano do ensino médio e detesta matemática. Por conta disso, ele não se interessa pelos exercícios e tem dificuldades no aprendizado da matéria. O grande interesse do garoto, que de tão intenso beira à obsessão, são os ônibus e os transportes públicos em geral, uma “paixão” pelo tema desde o primeiro ano de vida — “apaixonar-se” por um assunto específico é uma característica chamada de hiperfoco, muito comum entre autistas de todo o espectro.

Na escola, atualmente, Carlinhos está estudando área e perímetro na disciplina de matemática, mas com dificuldade. Imagine se o professor criasse exercícios a respeito desse assunto com a temática do hiperfoco de Carlinhos, ou seja, exercícios de matemática, sobre área e perímetro, usando ônibus e transportes públicos como tema dos enunciados! O aluno, que tem um interesse quase incontrolável pelo assunto, tem chances imensamente maiores de querer fazer os exercícios e ver uma utilidade prática da matéria no que ele realmente gosta. Um exercício, por exemplo, assim:

Imagine que você é um engenheiro responsável por projetar uma nova parada de ônibus na sua cidade. A parada de ônibus terá o formato de um



SAIBA MAIS
app.tismoo.com.br



retângulo. As dimensões da parada são as seguintes:

Comprimento: 8 metros

Largura: 3 metros

Calcule a área da parada de ônibus e o perímetro da parada de ônibus. (veja o exercício completo no quadro ao lado)

Essa estratégia é utilizada por diversos especialistas em educação, há muito tempo, com o intuito de despertar o interesse de alunos autistas para determinadas matérias.

Carlinhos não existe na realidade, é um personagem fictício que usei para ilustrar esta reportagem, mas há diversos "Carlinhos" de verdade mundo afora, com dificuldades reais no aprendizado. Mas, o exercício que usei de exemplo é real e foi criado pelo Genioo, a primeira inteligência artificial (IA) especializada em autismo e neurodesenvolvimento, desenvolvida pela startup Tismoo e lançada para o público em abril deste ano (2024).

TAREFAS PRÁTICAS

A empresa desenvolveu assistentes de IA dedicados a determinadas tarefas que podem ajudar autistas e pessoas com outras neurodivergências, além de suas famílias, em muitos casos. Então, além do Genioo, que através de um bate-papo por texto responde a dúvidas e questões sobre o transtorno do espectro do autismo (TEA), síndromes relacionadas e outras condições ligadas ao neurodesenvolvimento, a plataforma da Tismoo conta também com assistentes



Claro! Vamos criar um exercício de matemática sobre Área e Perímetro com o tema de Ônibus e Transportes Públicos para um aluno de 11 a 12 anos, no 7º ano do Ensino Fundamental.

Exercício: Calculando a Área e o Perímetro de uma Parada de Ônibus

Enunciado:

Imagine que você é um engenheiro responsável por projetar uma nova parada de ônibus na sua cidade. A parada de ônibus terá o formato de um retângulo. As dimensões da parada são as seguintes:

- Comprimento: 8 metros
- Largura: 3 metros

1. Calcule a área da parada de ônibus.
2. Calcule o perímetro da parada de ônibus.

Passo a Passo da Resolução:

1. Cálculo da Área:

- A fórmula para calcular a área de um retângulo é: $\text{Área} = \text{Comprimento} \times \text{Largura}$
- Substituindo os valores fornecidos: $\text{Área} = 8 \text{ metros} \times 3 \text{ metros} = 24 \text{ metros quadrados}$

2. Cálculo do Perímetro:

- A fórmula para calcular o perímetro de um retângulo é: $\text{Perímetro} = 2 \times (\text{Comprimento} + \text{Largura})$
- Substituindo os valores fornecidos: $\text{Perímetro} = 2 \times (8 \text{ metros} + 3 \text{ metros}) = 2 \times 11 \text{ metros} = 22 \text{ metros}$

Respostas:

1. **Área da parada de ônibus:** 24 metros quadrados
2. **Perímetro da parada de ônibus:** 22 metros

Explicação Didática:

- **Área:** A área é a medida da superfície interna do retângulo. No caso da parada de ônibus, a área de 24 metros quadrados representa o espaço total disponível dentro da parada.
- **Perímetro:** O perímetro é a medida do contorno do retângulo. No caso da parada de ônibus, o perímetro de 22 metros representa a distância total ao redor da parada.

Espero que este exercício ajude a entender melhor os conceitos de área e perímetro de uma forma divertida e relacionada ao seu interesse por ônibus e transportes públicos!



O Genioo foi treinado com uma base de conhecimento enriquecida com diversos estudos científicos robustos.

de diversas áreas como o Professor Genioo (para a área da educação), o Doutor Genioo (medicina), o Enfermeiro Genioo (enfermagem e saúde 360°), o Nutri Genioo (nutrição e alimentação) e o Psicólogo Genioo (psicologia e saúde mental) — e com planos de criação para muito mais.

Esses assistentes de IA são dedicados a tarefas bem delimitadas, como o Professor Genioo do meu exemplo, com a criação de um exercício de matemática dentro das especificidades e características do Carlinhos de nosso texto. Dessa forma, as pessoas autistas e suas famílias podem se beneficiar de tarefas executadas por IA que sejam realmente úteis no seu dia a dia.

Outros exemplos de tarefas já existentes nos assistentes Genioo, que podem efetivamente trazer um impacto positivo na rotina diária de diversas pessoas neurodivergentes, são: informações sobre os efeitos colaterais de medicamentos, orientações de emergência para convulsões, receitas para quem tem seletividade alimentar e outra questão de saúde, atividades para fazer em casa com objetivo de desenvolver uma habilidade, entre muitas outras, além de tarefas que ainda serão lançadas nas próximas semanas.

PERGUNTE AO GENIOO

Na conversa via chat com o Genioo, como mencionei antes, você também pode fazer suas próprias perguntas (os chamados *prompts* para IA) e pedir ajuda para tarefas, sempre dando o maior número de informações possível e explicando detalhadamente o que você precisa, para uma resposta mais

personalizada e eficaz. Meu filho estava reclamando da sua dificuldade em fazer amigos e eu pude pedir recomendações à IA da Tismoo, por exemplo, contando sua idade, o ano escolar, quais as reclamações dele, o diagnóstico de autismo, nível de suporte, enfim, o máximo de informações sobre o contexto para obter a resposta de ações que pudessem ajudá-lo a conquistar mais amizades.

O Genioo conta com um sistema antialucinação — para reduzir o risco de alucinar (quando uma IA inventa informações inverídicas) — e foi treinado com uma base de conhecimento enriquecida com diversos estudos científicos robustos, com uma malha semântica especialmente feita por especialistas no tema, além de manter-se sempre limitado a assuntos relacionados a autismo e neurodesenvolvimento.

A plataforma é gratuita para um uso limitado e, em breve, terá planos opcionais para quem quiser conversar com o Genioo sem limites. A plataforma Tismoo também traz um módulo em que o Genioo faz perguntas às pessoas, para dar sugestões que possam melhorar sua qualidade de vida e entregar respostas cada vez mais personalizadas, tem um *feed* de notícias e artigos com curadoria de especialistas, assim como um serviço de armazenamento de laudos, prescrições e documentos médicos.

Para acessar a plataforma da Tismoo e conversar com o Genioo, você deve acessar app.tismoo.com.br ou baixar o aplicativo Tismoo.me (para Android ou iOS) e criar sua conta gratuita. Há mais informações no site tismoo.com.br.

(Conflito de interesse: Francisco Paiva Jr., autor desta reportagem, também é CEO da startup Tismoo.)



NOVA CID -

*Uma atualização importante no diagnóstico
de autismo e neurodesenvolvimento*

por **Francisco Paiva Jr.**,
editor-chefe da Revista Autismo

Ilustrações **Depositphotos**





A partir de 01.jan.2025, finalmente entrará em vigor a 11ª versão da Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11), publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2021 e traduzida para o português do Brasil somente neste ano (2024) — apesar da OMS ter recomendado que o início do seu uso fosse em janeiro de 2022. Essa atualização marca uma transformação significativa, especialmente para o diagnóstico e classificação de condições relacionadas ao autismo e ao neurodesenvolvimento. Em relação a autismo e neurodesenvolvimento, a nova CID alinha-se à quinta versão do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-5), da Associação Americana de Psiquiatria, em vigor desde 2013, consolidando avanços científicos e clínicos em uma linguagem padronizada e global.

CID-11 PARA O TEA

Uma das principais mudanças introduzidas pela CID-11 é a unificação dos diagnósticos dentro do espectro do autismo. Na versão anterior, a CID-10, várias condições eram classificadas separadamente sob o guarda-chuva dos transtornos globais do desenvolvimento (TGD), como o autismo infantil (F84.0), síndrome de Asperger (F84.5) e transtorno desintegrativo da infância (F84.3). Com a CID-11, todos esses diagnósticos são agrupados sob o código 6A02 - transtorno do espectro do autismo (TEA).

Essa mudança simplifica o diagnóstico e facilita o acesso a serviços de saúde. O novo código também permite subdivisões com base em prejuízos funcionais na linguagem e na cognição, possibilitando maior precisão no suporte às necessidades individuais de cada pessoa.

No entanto, a síndrome de Rett, antes categorizada sob o código F84.2 na CID-10, foi separada do espectro do autismo e classificada como LD90.4, refletindo sua especificidade genética e clínica.

TRANSIÇÃO PARA A CID-11

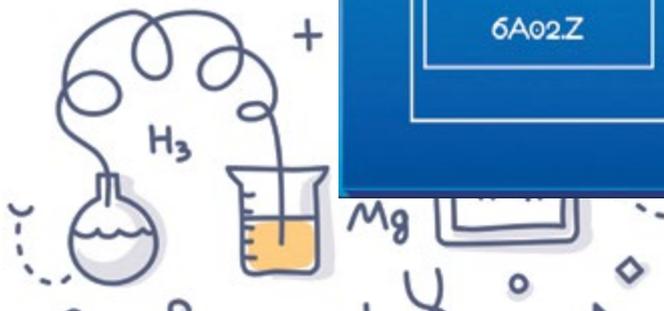
O Brasil, através de parcerias entre o Ministério da Saúde, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), finalizou a tradução da CID-11 em fevereiro deste ano (2024). Desde então, os sistemas de saúde estão se adaptando para implementar a nova classificação. Essa transição inclui revisões técnicas, integração de sistemas de dados e capacitação de profissionais.

Segundo especialistas, os diagnósticos realizados com base na CID-10 continuarão válidos, mas novos laudos deverão seguir a classificação da CID-11. A mudança não é automática, cabendo aos médicos a adaptação às novas diretrizes.

“A implementação da CID-11 representa um avanço significativo na área da saúde, especialmente no diagnóstico e manejo do transtorno do espectro do autismo (TEA). Alinhada ao que foi estabelecido no DSM-5 e sua versão revisada, DSM-5-TR, a nova classificação unifica os quadros relacionados ao TEA e adota uma estrutura detalhada, com códigos específicos para diferenciar entre TEA com ou sem deficiência intelectual e/ou

Autismo na CID-10	
código	diagnóstico
F84	Transtornos globais do desenvolvimento (TGD)
F84.0	Autismo infantil;
F84.1	Autismo atípico;
F84.2	Síndrome de Rett;
F84.3	Outro transtorno desintegrativo da infância;
F84.4	Transtorno com hipercinesia associada a retardo mental e a movimentos estereotipados;
F84.5	Síndrome de Asperger;
F84.8	Outros transtornos globais do desenvolvimento;
F84.9	Transtornos globais não especificados

Autismo na CID-11	
código	diagnóstico
LD90.4	Síndrome de Rett
6A02	Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)
6A02.0	Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente de linguagem funcional;
6A02.1	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente de linguagem funcional;
6A02.2	Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
6A02.3	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
6A02.5	Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional;
6A02.Y	Outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado;
6A02.Z	Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado.





comprometimento de linguagem funcional. Essa atualização não apenas garante maior consistência diagnóstica, como também permite uma compreensão mais precisa da funcionalidade e necessidade de suporte de cada indivíduo, ao especificar níveis relacionados às habilidades cognitivas e de linguagem, direcionando intervenções mais assertivas e personalizadas", explicou Deborah Kerches, médica neuropediatra, especialista em autismo.

NEURODESENVOLVIMENTO

A CID-11 traz avanços não apenas na classificação do autismo, mas em toda a área de neurodesenvolvimento. Ela reflete as mudanças sociais e científicas ao longo das últimas décadas, destacando a importância de abordagens individualizadas e baseadas em evidências. Além disso, com a nova estrutura eletrônica e multilíngue, a CID-11 facilita a coleta de dados globais, promovendo uma melhor compreensão das tendências de saúde e intervenções eficazes.

ACESSIBILIDADE E FUTURO

A plataforma da CID-11 já está disponível em português no site oficial da OMS, permitindo acesso simplificado a profissionais de saúde. Além disso, um curso *online* específico para capacitação sobre o uso da CID-11, com versões em inglês e espanhol, em breve será disponibilizado em português.

A chegada da CID-11 representa uma oportunidade de melhorar o diagnóstico e o suporte oferecido às pessoas com TEA e outras condições de neurodesenvolvimento. Ela não apenas padroniza, mas também humaniza a abordagem dessas condições, alinhando ciência, prática médica e inclusão.

Com a adoção oficial, em 2025, espera-se um impacto significativo na qualidade do atendimento e na geração de estatísticas mais precisas que guiarão políticas públicas e estratégias de saúde global. 🍷



curso em vídeo

Aprenda informática com cursos grátis feitos por especialistas

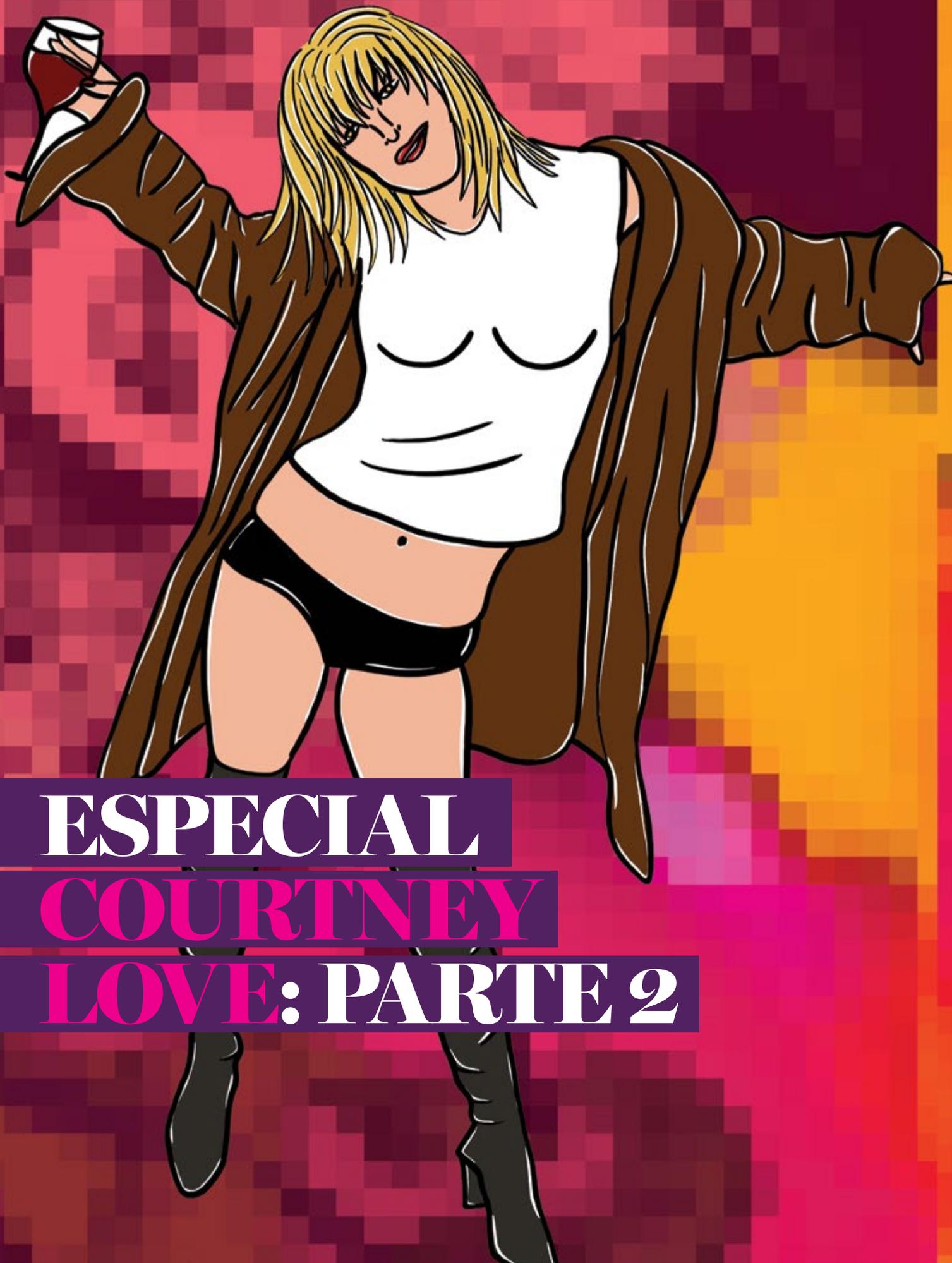
Criação de sites, Programação, Word, Excel e muito mais.



GUSTAVO GUANABARA



curso em vídeo
cursoemvideo.com



ESPECIAL

COURTNEY

LOVE: PARTE 2

N

por **Sophia Mendonça**

Ilustração **Fernanda Barbi Brock**

**Nesta segunda
parte da
reportagem,
saiba como
o autismo
afetou o início
da carreira
da artista.**

ascida em 9.jul.1964, Courtney Love se afastou do pai, Hank Harrison, um ex-editor do Grateful Dead que, mais tarde, se tornou escritor de livros sobre a filha.

Em 1978, aos 14 anos de idade, Courtney foi detida por furto a uma loja e enviada a um reformatório. Foi onde conheceu a obra de artistas como The Runaways e The Pretenders. Esse contato com a arte a levou a perceber uma maneira de subverter as regras sem cometer crimes ou atos que fossem prejudiciais a outras pessoas. Aqui, vale notar como um hiperfoco de uma criança ou adolescente autista precisa de um direcionamento produtivo e prazeroso para a pessoa. Porém, após tantos conflitos familiares, Courtney viveu em internatos entre a Inglaterra e a Nova Zelândia. Isso aconteceu antes de ela ser emancipada, aos 15 anos de idade, no ano de 1980. Na época, ela contava com uma reserva deixada pelos pais adotivos da mãe, que alguns amigos daquele contexto dizem que ela gastava de maneira infantil, comprando velas e outros itens sem precisar deles.

A essa altura, ela já havia entrado e saído de reformatórios, centros de tratamento de drogas, instalações correcionais. Tutores, amigos, família haviam desistido dela. A emancipação não era um sinal de que ela estava negociando bem a vida e não precisava de tutores; isso aconteceu porque ela não conseguia administrar a vida e ninguém mais podia ajudá-la. Courtney trabalhou como DJ em boates gays, além de fazer *striptease*. Foi esse contato com pessoas LGBT que a fez desenvolver habilidades sociais, pois no começo ela não as evidenciava. Muito disso se deve a técnicas de camuflagem social, que é um conceito que se

refere a estratégias utilizadas por autistas para minimizar o impacto da condição em situações sociais. Uma dessas táticas se dá pela repetição de comportamentos de pessoas próximas.

GÊNERO E AUTISMO NA TRAJETÓRIA DE COURTNEY LOVE

Aficionada por rock, Courtney Love tocou em uma série de bandas de vida curta nos anos 1980. Porém, os conflitos internos e a impulsividade da artista, que era vista pelos colegas como alguém egocêntrica e megalomaníaca, foram cruciais para que esses projetos não fossem duradouros. Ela chegou a tocar na famosa banda Faith no More em seu estágio inicial. Porém, foi dispensada porque a banda queria projetar uma energia masculina e a substituiu por um vocalista homem. Essa situação é um exemplo da interseccionalidade na comunidade do autismo. Afinal, já é difícil para homens autistas encontrarem grupos de

"Eu posso ser terrivelmente autodestrutiva quando algo me frustra."

afinidades que reflitam os seus hiperfocos. Mas, quando se é uma mulher autista, essa interação torna-se ainda mais delicada por causa da misoginia enraizada em diversos setores sociais e ambientes profissionais.

O desejo pela fama, entretanto, sempre esteve marcado na trajetória de Courtney Love. "Eu não consigo me lembrar de não sonhar em ser famosa, desde a primeira infância. Minha ambição é indestrutível, mas eu também posso ser terrivelmente autodestrutiva quando algo me frustra", revelou a cantora. A baixa resistência a momentos de frustração, aliás, é uma característica comum às pessoas autistas.

O SURTI-MENTO DE UMA LENDA

Após todos esses investimentos mal sucedidos, Courtney foi procurar emprego na indústria cinematográfica. Seu primeiro papel veio no cult "Sid & Nancy", filme dirigido por Alex Cox. Em sua entrevista para o elenco, a artista não faz contato visual com a câmera e desloca o olhar sem um motivo aparente, enquanto diz: "você podem criar a maior estrela da atual geração: eu!". Apesar disso, o teste agradou o cineasta responsável pela escalção. "Nunca vi uma garota tão cheia de si e tão egocêntrica. Gosto de gente com força e energia e ela tinha ambas", comentou o diretor Alex Cox.

O desempenho de Courtney no filme foi tão aclamado que Cox a convidou para protagonizar o próximo longa-metragem dele, "A Caminho do Inferno". As gravações da obra foram complicadas porque Courtney se sentia muito acima do peso em sua caracterização.





Aficionada por rock, Courtney Love tocou em uma série de bandas de vida curta nos anos 1980

Ela interpretava uma mulher grávida. Então, a equipe deu um jeito de ela emagrecer um pouco a cada gravação de cena, paulatinamente, para evitar que o público percebesse essa mudança. Mas, mesmo com todos os esforços envolvidos, o filme foi um fracasso de bilheteria e recebeu críticas majoritariamente negativas.

Foi quando ela decidiu se isolar e trabalhou como *stripper* no Alasca. Nessa época, Courtney se converteu ao budismo da Soka Gakkai. Essa decisão a encorajou a tentar formar uma banda nova. Ela colocou anúncios em jornais e, em 1989, fundou o Hole. Em seis meses, ela havia ganhado o seu primeiro milhão de dólares, o que a incentivou a se dedicar inteiramente à carreira artística musical. 🎸



Sophia Mendonça

omundoautista.uai.com.br

é jornalista, doutoranda e uma das criadoras do canal Mundo Autista, no YouTube, tendo editado o livro “Neurodivergentes - Autismo na Contemporaneidade”.



Use este QR-code para assistir ao vídeo feito para esta reportagem.

MÍDIA DESTACA VIAGEM DE MUOTRI AO ESPAÇO

por **Francisco Paiva Jr.**,
editor-chefe da Revista Autismo

"Se o Ivan ficar sem observação, ele morre", disse Muotri sobre a gravidade do autismo de seu filho e sua intenção em buscar uma "cura" para o autismo grave.



D

iversos veículos de imprensa, como CNN Brasil, Correio Braziliense e O Globo, em novembro (2024), destacaram a viagem ao espaço do neurocientista brasileiro Alysson Muotri, cofundador da Tismoo e líder do Muotri Lab, na Universidade da Califórnia em San Diego (EUA). A convite da Nasa (agência espacial dos EUA), o cientista vai em busca de tratamentos e até da cura para formas mais graves do transtorno do espectro do autismo (TEA).



Mutri com a esposa, Andréa, e o filho, Ivan

Dr. Muotri busca maior qualidade de vida para seu filho, Ivan — hoje com 18 anos —, que sofre com um nível mais severo da condição e requer acompanhamento constante. A ida à Estação Espacial Internacional (ISS, na sigla em inglês para International Space Station) está prevista para o fim de 2025 e o início de 2026.

“Se o Ivan ficar sem observação, ele morre”, disse Muotri à CNN, enfatizando a gravidade da condição do filho. “Busco uma melhor qualidade de vida para ele. Se não encontrar a cura, que encontre algo que chegue próximo e o torne independente”. Muotri ainda ressalta que a missão é para investigar as condições mais graves do TEA, com comorbidades severas. “Funciona para todos do espectro do autismo? Não. Existem autismos ‘mais leves’, em que os indivíduos são mais independentes, nos quais o tratamento e a cura não importam”, esclareceu ele.

TRATAMENTO OPCIONAL

O neurocientista explicou que esses grupos de autistas com menor nível de suporte buscam inclusão social, não cura. “Há pessoas que têm direito a escolher se querem ser tratadas ou não — isso não é a minha responsabilidade. Minha responsabilidade como cientista é prover a opção do tratamento e da cura. Quem vai atrás [dessa possível cura]? Aquele que quiser ser curado, que quiser ser tratado”, completou Dr. Muotri, destacando que a “cura” ou “tratamento” jamais seria algo obrigatório, como em qualquer outra área da medicina.

O objetivo da viagem é analisar a progressão de doenças neurológicas e buscar tratamentos — ou até uma possível cura — para o Alzheimer e o TEA com maior nível de suporte. Por consequência, o

estudo também analisará, para a Nasa, formas de proteger os cérebros dos astronautas, que são afetados pelas missões espaciais.

O BRASIL NA ISS

Muotri também revelou à CNN que fez uma parceria com a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) para que, no caso de descoberta de possíveis remédios por meio da aplicação dos bioativos da Amazônia, parte da verba da venda seja revertida para as tribos originárias que ajudaram a descobrir os fármacos e para a preservação da floresta amazônica. O cientista também procura colaboração do governo brasileiro para disponibilizar os possíveis tratamentos contra as doenças



A NOVA LEI É UM PASSO IMPORTANTE, MAS A JORNADA ESTA SÓ COMEÇANDO

A lei 14.992, sancionada em 3.out.2024, traz mudanças importantes quando o assunto é a inclusão de pessoas autistas no mercado de trabalho. Mais do que simples ajustes na legislação, o que temos aqui é um passo significativo para fazer com que pessoas com autismo tenham mais oportunidades e visibilidade no mercado formal de trabalho. E, convenhamos, esse é um movimento que há tempos precisava ganhar força. A principal mudança está na integração do Sistema Nacional de Cadastro da Pessoa com TEA (SisTEA) ao Sistema Nacional de Emprego (Sine). Parece técnico, mas o impacto disso pode ser gigantesco.





Marcelo Vitoriano

📷 @specialisterne_br
🌐 Specialisterne-Brasil
📘 SpecialisterneBrasil
🌐 specialisternebrasil.com

é psicólogo, especialista em terapia comportamental cognitiva em saúde mental, mestre em psicologia da saúde com experiência na gestão de programas de diversidade

e inclusão em empresas como Sodexo no Brasil. Há 4 anos faz parte do grupo de trabalho sobre Direitos Humanos nas empresas da rede brasileira do Pacto Global da ONU e é CEO da

Specialisterne no Brasil, organização social de origem dinamarquesa presente em 23 países, que atua na formação e inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

Basicamente, o governo quer conectar os dados das pessoas com TEA às oportunidades de trabalho oferecidas pelo Sine, facilitando a intermediação de vagas de emprego e contratos de aprendizagem. Isso é fundamental porque a maioria das pessoas com autismo, por mais capacidades que tenham, ainda encontra muitas barreiras para se inserir no mercado. Um ponto que vale destacar é o esforço em garantir acessibilidade, algo que a lei reforça no artigo 6º, inciso i: “prover o pessoal e a infraestrutura necessários à execução das ações e dos serviços do Sine, com observância das normas técnicas de acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), bem como financiá-lo, por meio de repasses fundo a fundo”. Aqui, estamos falando de adaptação de infraestrutura física, seguindo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), mas também de algo mais amplo: a acessibilidade como direito de todos à inclusão. O governo quer assegurar que as pessoas com deficiência, especialmente as com TEA, tenham o suporte necessário para conseguir

e manter um emprego e construir uma carreira profissional como qualquer pessoa, independentemente de sua condição. O grande diferencial dessa lei está na ideia de conectar o SisTEA ao Sine. Isso não é apenas uma mudança administrativa, é uma virada de jogo. O SisTEA, criado pelo Decreto nº 12.115, de 2024, será uma ferramenta poderosa para dar visibilidade à realidade das pessoas com TEA. Integrar essas informações ao Sine cria uma ponte direta entre essas pessoas e as vagas disponíveis no mercado. Agora, essa inclusão no mercado de trabalho vai muito além de vagas e currículos. O artigo 9º da nova lei fala em sensibilizar os empregadores, e isso é fundamental. Não basta só criar vagas, é preciso que as empresas entendam o que significa contratar uma pessoa com autismo e saibam lidar com as particularidades que isso envolve. De nada adianta ter um sistema de cadastro eficiente se o mercado de trabalho não estiver preparado para receber essas pessoas. E quando falamos em estar preparado, não nos referimos apenas a questões técnicas ou físicas, mas à disposição em acolher a diversidade, entender as

particularidades do autismo e adaptar processos quando necessário. Olhando para o conjunto da obra, fica claro que essa legislação traz avanços importantes, mas, como sempre, a prática vai depender muito de como as empresas, a sociedade e o próprio governo vão encarar essa nova realidade. Importante sempre lembrar da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU, da qual o Brasil é signatário, tendo assim força de lei em nosso país, que indica em seu artigo 27, que os estados partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência ao trabalho em igualdade de oportunidades com as demais pessoas. Ao final, o que está em jogo aqui é a construção de um mercado de trabalho mais diverso e inclusivo e isso só será possível se todos nós entendermos que o autismo não define o valor de uma pessoa, mas pode, sim, agregar pontos positivos ao ambiente de trabalho quando é devidamente acolhido e compreendido. A nova lei é um passo importante, mas a jornada ainda está apenas começando.



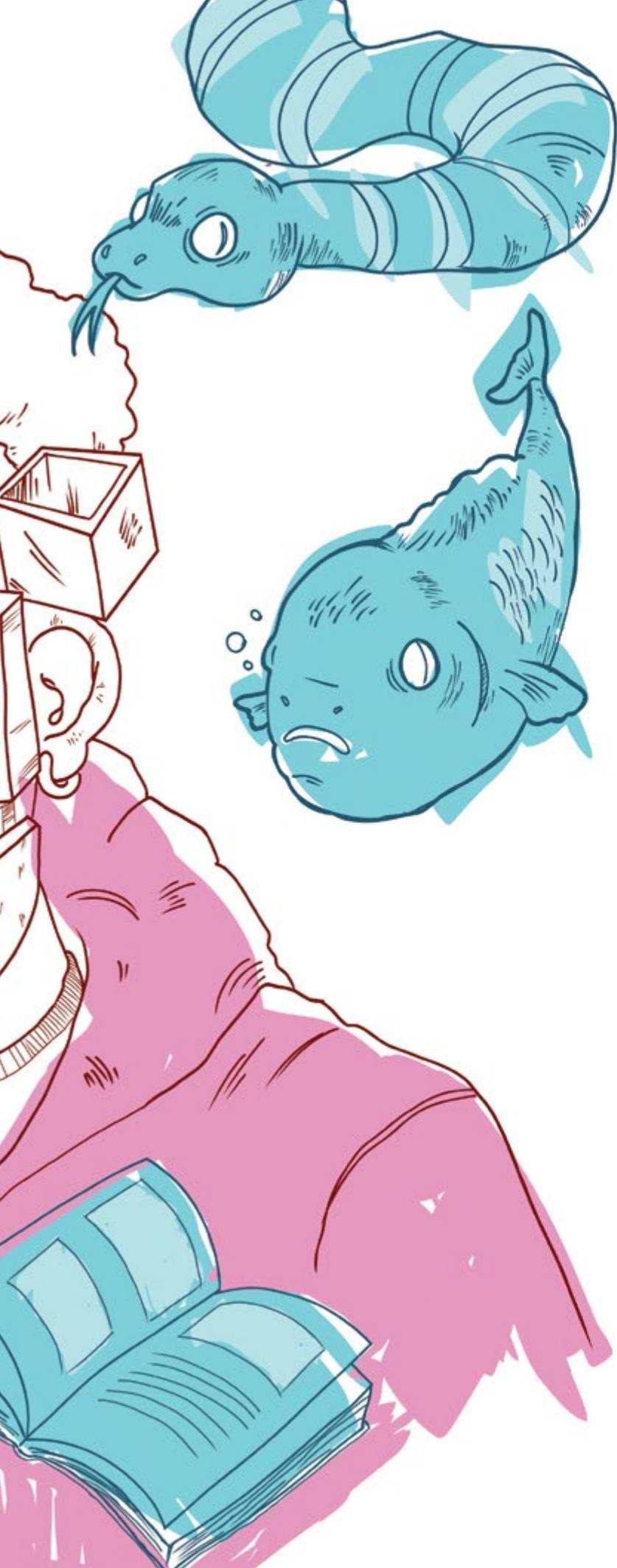
EMPATIA NO ESPECTRO AUTISTA

Diferenças fundamentais e desafios na percepção social

por **Thiago Cabral Pereira**

Ilustração: **Daniel Lima**





A empatia é uma das características mais valorizadas em interações sociais e profissionais. Entretanto, para pessoas no espectro autista, a maneira como a empatia é expressa pode ser muito diferente da forma tradicionalmente esperada, o que frequentemente leva a julgamentos equivocados e até críticas, como a que ocorreu recentemente com um paciente autista que atendo.

Ele relatou que seu chefe lhe disse que "não tem empatia", o que lhe causou profunda frustração. Este texto busca desmistificar a ideia de que pessoas autistas não têm empatia e explicar como essas diferenças se manifestam, especialmente em comparação com transtornos de personalidade.

EMPATIA NO AUTISMO

Para compreender a empatia no espectro autista, é importante diferenciar dois aspectos principais: a empatia cognitiva, que se refere à capacidade de entender o que outra pessoa está sentindo, e a empatia emocional, que envolve sentir junto com a outra pessoa. No autismo, a empatia cognitiva costuma ser mais desafiadora, pois há dificuldade em interpretar sinais sociais, como expressões faciais, tom de voz e gestos. Essas dificuldades podem fazer com que a pessoa autista tenha problemas em perceber emoções alheias de maneira automática, como geralmente é esperado em interações sociais.

Esse desafio, no entanto, não significa

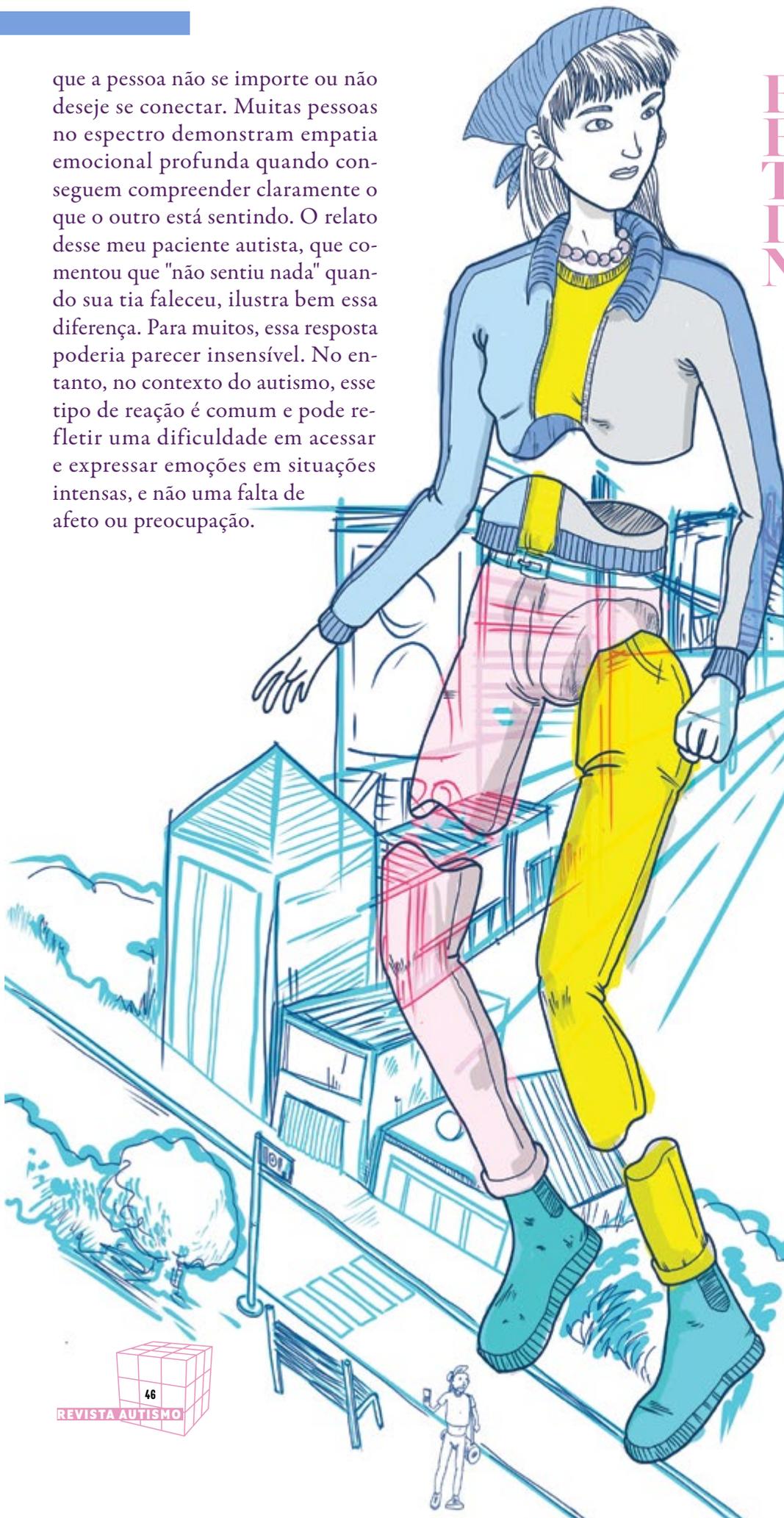
que a pessoa não se importe ou não deseje se conectar. Muitas pessoas no espectro demonstram empatia emocional profunda quando conseguem compreender claramente o que o outro está sentindo. O relato desse meu paciente autista, que comentou que "não sentiu nada" quando sua tia faleceu, ilustra bem essa diferença. Para muitos, essa resposta poderia parecer insensível. No entanto, no contexto do autismo, esse tipo de reação é comum e pode refletir uma dificuldade em acessar e expressar emoções em situações intensas, e não uma falta de afeto ou preocupação.

EMPATIA E TRANSTORNOS DE PERSONALIDADE

A comparação entre autismo e transtornos de personalidade ajuda a esclarecer o tipo de empatia que falta em cada um. Em transtornos de personalidade como o antissocial ou narcisista, a pessoa geralmente consegue entender o que os outros estão sentindo, mas escolhe ignorar ou até explorar essas emoções.

O transtorno antissocial, por exemplo, pode envolver manipulação ou insensibilidade ao sofrimento alheio, sem qualquer preocupação com o impacto emocional. Essa diferença é essencial: enquanto no autismo a empatia é prejudicada

Comparar TEA e transtornos de personalidade ajuda a esclarecer o tipo de empatia que falta em cada um



por dificuldades em perceber as emoções, nos transtornos de personalidade a falta de empatia está ligada a um desinteresse ou manipulação ativa.

FEEDBACKS E EXPECTATIVAS NO TRABALHO

Infelizmente, essas nuances nem sempre são compreendidas em ambientes profissionais, resultando em *feedback* que podem impactar negativamente a autoestima de pessoas autistas. Um exemplo é o caso desse paciente que mencionei. Esse tipo de crítica — "Você não tem empatia!" — pode gerar grande frustração, pois, apesar das dificuldades, muitas pessoas autistas se preocupam genuinamente com os outros e com o ambiente de trabalho.

Esse *feedback* reflete um mal-entendido sobre o que significa demonstrar empatia no contexto do autismo. Em muitos casos, o autista pode estar realmente interessado no bem-estar dos colegas, mas enfrenta desafios em expressar isso de uma forma perceptível. Quando as expectativas sociais não são comunicadas de maneira clara, essas pessoas podem se sentir mal compreendidas e até alienadas no ambiente de trabalho.

INCLUSÃO E COMPREENSÃO

Para evitar mal-entendidos é fundamental promover uma cultura de inclusão e conscientização. Treinamentos que ajudem gestores e colegas de trabalho a entender as diferenças na maneira como a empatia é expressa



é médico psiquiatra, com especialização em psiquiatria forense e psicoterapia.

Thiago Cabral Pereira

✉ cabralmed@me.com

✉ clinicaequilibriobemestar.com.br @cabralpsiquiatra

por pessoas no espectro autista podem melhorar as relações no ambiente de trabalho. Dar *feedback* construtivo e claro, focado no comportamento específico a ser melhorado, em vez de críticas vagas sobre "falta de empatia", pode tornar o ambiente de trabalho mais acolhedor.

Além disso, é importante apoiar pessoas autistas a desenvolver habilidades de comunicação que as ajudem a expressar sua empatia de forma mais clara para os outros. Estratégias como escuta ativa e treinamento em habilidades sociais podem facilitar o processo de adaptação social e ajudar a evitar julgamentos errôneos.

LEITURA SOCIAL

A empatia nas pessoas com autismo é frequentemente mal interpretada, e é preciso desmistificar a ideia de que elas não se importam com os outros. Entender que a dificuldade está na leitura social, e não na ausência de sentimentos, é crucial para reduzir mal-entendidos. Ao promover conscientização sobre essas diferenças, podemos criar ambientes de trabalho e sociais mais inclusivos, onde pessoas no espectro autista possam se sentir mais aceitas e compreendidas. 🌈

C • A • N • A • L AUTISMO

Veja alguns destaques resumidos do Canal Autismo, que publica conteúdo diário sobre autismo. Para ler os textos completos de cada notícia, acesse o site CanalAutismo.com.br ou use o QR-code que está na página do índice desta edição.

Ministério da Educação homologa Parecer 50

Marcos Oliveira / reprodução



Fachada do prédio do Ministério da Educação.

Camilo Santana, ministro da educação, homologou no dia 13.nov.2024 o parecer 50/2023, documento com orientações para a inclusão educacional de estudantes autistas. O principal destaque do documento é a menção e exigência de um Plano de Educação Individualizado (PEI).

Em entrevista ao Vencer Limites, a advogada e professora Flávia Marçal, uma das figuras em torno do documento,

comemorou a aprovação. “Foi um trabalho árduo de construção coletiva e de mobilização por mais de 330 dias que agora culmina com a reafirmação e avanço de direitos com aqueles que realmente querem ver um avanço e o diálogo acontecer”, disse ela.

O texto anterior, aprovado em 2023, gerou polêmicas e não tinha sido homologado pelo ministro Camilo Santana, portanto,

voltou para o CNE para ser reformulado. Segundo informações do jornal O Estado de S. Paulo, a nova versão reduziu o documento de 69 para 22 páginas e fez a remoção de temas controversos. O “acompanhante especializado”, por exemplo, foi substituído por “profissionais de apoio”, que auxiliam em locomoção, higiene e interação social, sem atuar em atividades pedagógicas.



Podcast Espectros recebeu Maria do Carmo, Carla Bertin e Marie Dorion

O Espectros, podcast mensal desta Revista Autismo, recebeu mais três personalidades da comunidade ligada ao autismo nos últimos meses. Em novembro, a entrevistada foi a relações públicas Marie Dorión, mãe de dois rapazes autistas, atualmente morando numa ilha do Havaí (EUA), que teve importante atuação na década de 2010 junto ao ecossistema do TEA. Outubro foi a vez da advogada Carla Bertin, outra mãe de autista, criadora do site Autismo Legal, com dicas sobre direitos da pessoa autista. Em setembro, a pedagoga Maria do Carmo Tourinho, presidente da Associação Brasileira de Autismo (Abra) por quatro mandatos, foi a entrevistada do mês. Em dezembro, o entrevistado é Marcelo Oliveira, presidente da ONG Naia Autismo, de Goiânia (GO).

Neurodiversidade nas empresas foi tema de evento em Recife

Recife recebeu o evento “O Talento na Neurodiversidade”, em 25.out.2024. Com entrada gratuita, o evento aconteceu no RioMar Trade Center. Organizado pela Specialisterne Brasil e com o Instituto Dimitri Andrade como convidado, a programação teve palestras e painéis com gestores, autistas e organizações especializadas, sempre abordando a neurodiversidade nas empresas.



Autistas numa das mesas de debate, em Recife.



O autismo é uma condição que, cada vez mais, nos ensina sobre o valor da humanização e do olhar atento para o outro.

Nas famílias, o amor se transforma em uma força, onde o acolhimento cria um ambiente que proporciona o aprendizado. Estimular a independência é um objetivo importante para muitas famílias, que vêm no desenvolvimento uma forma de obter melhor qualidade de vida

Unidade PIEDADE
(81) 3465-3913

Unidade OLINDA
(81) 4100-1166

Unidade BOA VIAGEM
(81) 3465-3913

Unidade TORRE
(81) 3441-5656 ou (81) 3039-5656

UNIDADE SPORT Avenida Sport Club do Recife
(81) 3049-2141 ou (81) 9 9832-0104

 @autismosomar



Tilibra lança linha de cadernos sobre neurodiversidade

A Tilibra lançou uma linha de cadernos chamada Tilibra Neuro, voltada para condições normalmente associadas à neurodiversidade, como o autismo e o transtorno de déficit de

atenção com hiperatividade (TDAH). O projeto foi desenvolvido em parceria com a Academia do Autismo, além de pesquisas com educadores e famílias de pessoas neurodivergentes.

Acessibilidade para autistas no Brasil é tema de reportagem internacional

O portal Christian Courier publicou, em outubro, a reportagem "Thriving on the Spectrum" (Prosperando no Espectro, em português). O texto aborda como diferentes espaços no Brasil, incluindo escritórios, universidades e estádios, estão se tornando mais acolhedores para pessoas autistas.

Entre os exemplos citados por Christian Courierz está o escritório da deputada estadual Andréa Werner (PSB-SP), que foi diagnosticada com autismo após ser eleita em 2022. Werner implementou diversas adaptações em seu ambiente de trabalho para acomodar as necessidades de sua equipe.

Estudo aponta relação entre aumento do cérebro e severidade do autismo

Um estudo promovido por cientistas brasileiros e norte-americanos apontou uma possível relação entre macrocefalia e maior severidade dos sintomas sociais e de comunicação em crianças autistas. Segundo a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), a análise envolveu imagens cerebrais de mais de 900 crianças autistas e experimentos com minicérebros. Na pesquisa, os minicérebros de crianças com sintomas mais severos eram até 41% maiores que os de crianças da amostra de controle. Nem todas as crianças autistas com sintomas severos apresentam macrocefalia, mas, quando presente, os sintomas são mais graves.



A inclusão é um dos caminhos que guia nossa rota.

Nós, da Jamef, seguimos juntos com a Revista Autismo na jornada de construir um mundo com mais inclusão e diversidade, colaborando com a distribuição dos exemplares em todo o Brasil, reforçando nosso compromisso com a sociedade.



Botafogo inaugura sala sensorial para torcedores autistas



O Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro (RJ), inaugurou o Aconchego Glorioso, uma sala sensorial para torcedores autistas, no estádio Nilton Santos, em novembro (2024). O espaço foi criado em parceria com o

Instituto Adimax e a Recriare. O local fica no setor leste inferior do estádio e possui 40 metros quadrados. Conta com elementos como almofadas ponderadas, piscina de bolinhas e uma parede de escalada.

SP iluminou-se de roxo em outubro pela Síndrome de Rett



Outubro é o mês internacional de conscientização da síndrome de Rett, conhecido como “Outubro Roxo”. Todo ano, a Associação Brasileira de Síndrome de Rett (Abre-te) promove, ao longo do mês, uma série de ações para aumentar o conhecimento sobre essa condição. Uma das iniciativas é a iluminação de monumentos em diferentes cidades do país, chamando a atenção da população para essa causa tão importante.

Em São Paulo (SP), diversos cartões-postais foram iluminados de roxo, como a Ponte Estaiada, o Viaduto do Chá, o Pátio do Colégio e a Biblioteca Mário de Andrade. Além disso, este ano, a campanha também foi divulgada nos relógios digitais de rua da cidade. Para conhecer mais sobre a campanha e sobre a síndrome, visite www.abrete.org.br e siga o perfil @abretebr no Instagram.



Cursos e Produtos:
www.pecs-brazil.com

Ensine seu filho(a) ou aluno(a) as habilidades necessárias para comunicar funcionalmente



PECS Nível 1, PECS Nível 2,
Certificação Implementador
PECS, Habilidades de
Comunicação Críticas e
ABA Funcional



PYRAMID
EDUCATIONAL
CONSULTANTS

Pyramid Consultoria
Educativa do Brasil Ltda
Avenida Afonso Pena, 3924, Sala 310
Belo Horizonte, Minas Gerais

Quer desvendar
os mitos e as
características
do autismo?

Um livro ideal
para quem acabou
de receber o diagnóstico
ou tem dúvidas sobre ele.

